

GEOGRAFIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Leilso Antonio Carneiro da Silva

Estado da Arte sobre as dificuldades de aprendizagem em Geografia: perspectivas em evidência

Rio Claro, SP

2023

Leilso Antonio Carneiro da Silva

**Estado da Arte sobre as dificuldades de aprendizagem em
Geografia: perspectivas em evidência**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção do grau de Licenciado e Bacharel em Geografia, para o Instituto de Geociências e Ciências Exatas Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Maria Bernadete Sarti da Silva Carvalho

Rio Claro, SP

2023

S586e Silva, Leilso Antonio Carneiro da
Estado da arte sobre as dificuldades de aprendizagem em
Geografia: perspectivas em evidência / Leilso Antonio Carneiro da
Silva. -- Rio Claro, 2023
34 p. : il., tabs.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e licenciatura -
Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de
Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro
Orientadora: Maria Bernadete Sarti da Silva Carvalho

1. Dificuldades de Aprendizagem. 2. Ensino de Geografia. 3.
Estado da Arte. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de
Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LEILSO ANTONIO CARNEIRO DA SILVA

Estado da Arte sobre as dificuldades de aprendizagem em
Geografia: perspectivas em evidência

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
- Câmpus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho,
para obtenção do grau de Bacharel e
Licenciado em Geografia.

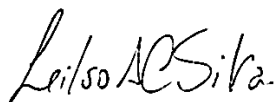
Comissão Examinadora

Profº Dra. Maria Bernadete Sarti da Silva Carvalho (orientadora)

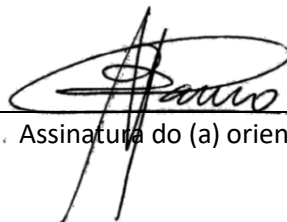
Profº Dra. Andreia Osti

Mestrando José Vitor Rossi

Rio Claro, 31 de janeiro de 2023.



Assinatura do (a) aluno (a)



Assinatura do (a) orientador (a)

Agradecimentos

Agradeço primeiramente, aos meus parentes antepassados que de alguma forma defenderam a educação como caminho da vida, e lavraram com o próprio suor, o seco e duro chão da educação, tão difícil de se alcançar, mas sempre acreditando haver ali, um solo fértil.

Aos meus pais, agradeço imensamente, que sem o sacrifício diário, apoio, confiança e amor, não me transformaria na pessoa que sou e estou me tornando. Desse berço veio o que tenho de mais precioso, pelo qual vale a pena lutar.

Aos meus irmãos, sou grato por toda constância do afeto e apoio incondicional. Com vocês eu sinto que posso mais.

Aos primos e primas que foram os primeiros amigos a compartilharem desse sonho comigo, incentivando a buscar caminhos desafiadores, sendo também uma humilde e potente inspiração, serei sempre grato, Naianderson e Samara.

Às amigadas, pelas quais tenho amor e um profundo carinho. Sem elas, essa graduação não teria passado do primeiro semestre. Agradeço a todas, mesmo que distantes fisicamente, pelo apoio. Lembro aqui alguns nomes que fizeram parte, de alguma forma, da construção deste trabalho final: Anna Paula F. Galego, Mariana D. Ramos, Natália Guidetti, Hugo Xavier e Renato Ventura.

À Ana Paula Oliveira, por toda parceria, companheirismo e amor, especialmente nos momentos de grande dificuldade que passamos ao longo desta graduação. Você ajudou a me encontrar, e passar a ser eu mesmo; sou grato por sua grandeza. No que tange esse trabalho, obrigado pela insistência e suporte, que me mantiveram firme, pois às vezes há uma parede, não uma pedra, e sozinho não se enxerga o caminho. Nesses momentos, te agradeço por trazer a luz, e as risadas.

À minha orientadora, por me guiar nesse processo com disposição, cuidado e paciência. Descobri uma amiga, e em cada encontro uma verdadeira mestra, pois sua orientação foi não só para o campo da educação e da pesquisa, mas para a vida. Prof. Bernadete, algumas pessoas se tornam, em nós, referências fundadoras e por isso eternas. Por tudo, e por tanto, agradeço enormemente as experiências formadoras, mas, sobretudo, por acreditar.

Finalmente, agradeço à Moradia Estudantil por sua (R) existência, também me formei nesse espaço e carregarei seus ensinamentos para a vida, assim como muitas pessoas queridas que lá encontrei. Aos programas de permanência estudantil, que me acompanharam e possibilitaram esta chegada ao final, apesar de tudo.

Gratidão

Vendo um livro sobre a mesa,
Cheio de alegre surpresa
Vou mandar-lhe uma certeza,
Prezado amigo Antoní.
É que estou muito contente,
Satisfeito e sorridente,
Pois recebi seu presente
Já vindo do Cariri.

Com o presente adorado
Tenho um professor ao lado,
E digo entusiasmado
Que o Dicionário é meu.
Você é pessoa exata,
Sempre cumpre quando trata,
Pois foi mesmo na batata
O que você me prometeu

Não houve dificuldade
Foi pontual de verdade,
Por sua capacidade
Merece atenção e fé.
Deus queira que tenha a dita
De receber nesta escrita
A gratidão infinita
Do poeta de Assaré.

“Inspiração Nordestina – Patativa do Assaré.”

RESUMO

O campo científico do ensino de Geografia possui um amplo referencial teórico que sustenta as ações pedagógicas do professorado em sala de aula, oferecendo diversas metodologias para as mais variadas situações de aprendizagem. No entanto, quando o professorado se depara com as dificuldades de aprendizagem de alguns estudantes, decorrentes de fatores múltiplos dentro e fora do processo de aprendizagem, deve recorrer a outras áreas do conhecimento. A partir disso, esta pesquisa buscou observar de que forma o Ensino de Geografia pode se associar a área de Dificuldades de Aprendizagem para uma prática mais efetiva em direção aos seus valores e compromissos. Para tal, a pesquisa realizou um Estado da Arte, utilizando o Portal Periódicos Cappes como base de dados, para buscar o que tem sido publicado a respeito da vinculação dessas duas áreas e assim dialogar com os rumos que a mesma parece seguir. Fizemos um recorte de 2008 a 2022, apenas em artigos revisados por pares, utilizando três buscadores diferentes, e uma seleção inicial por meio da leitura de resumos e títulos, resultando no total de 128 artigos. Deste total, a partir de uma leitura mais atenta, restaram 25 artigos, que compuseram o corpus documental para as análises desenvolvidas. Por fim, constatamos uma série de lacunas devido, principalmente, a falta de fundamentação teórica a respeito do que seria ou não considerado Dificuldade de Aprendizagem dos estudantes de Geografia.

Palavras chave: Dificuldades de Aprendizagem. Ensino de Geografia. Estado da Arte. Dificuldades de Estudantes. Estratégias de Ensino. Ensino Básico.

ABSTRACT

The Scientific field of teaching Geography has a wide theoretical framework that supports the pedagogical actions of teachers in the classroom, offering different methodologies for the most varied learning situations. However, when teachers are faced with the learning difficulties of some students, resulting from multiple factors inside and outside the learning process, they must resort to other areas of knowledge. From this, this research sought to observe how the Teaching of Geography can be associated with the area of Learning Disabilities for a more effective practice towards its values and commitments. To this end, the research carried out a State of the Art, using the Periódicos Capes Portal as a database, to search for what has been published about the link between these two areas and thus dialogue with the directions that it seems to follow. We made a cut from 2008 to 2022, only in peer-reviewed articles, using three different search engines, and an initial selection by reading abstracts and titles, resulting in a total of 128 articles. Of this total, from a closer reading, 25 articles remained, which made up the documental corpus for the developed analyses. Finally, we found a series of gaps, mainly due to the lack of theoretical foundation regarding what would or would not be considered a Learning Difficulty for Geography students.

Keywords: Learning Difficulties. Geography Teaching. State of art. Difficulties of Students. Teaching Strategie. basic education.

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Distribuição dos artigos por região de origem dos autores	21
Gráfico 2: Distribuição dos artigos por estado de origem dos periódicos	22
Gráfico 3: Distribuição dos artigos por região de origem dos periódicos	22
Gráfico 4: Instituições de origem dos autores dos artigos analisados	23

Lista de Tabelas

Tabela 1: Organização do corpus da pesquisa em código de identificação, títulos, nome dos autores e a instituição de vinculação 24

Tabela 2: Divisão dos artigos analisados e organizados conforme o tratamento atribuído às Dificuldades de Aprendizagem, aos sujeitos dessas dificuldades e à proposta de intervenção26

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS	15
2. METODOLOGIA DA PESQUISA	18
3. RESULTADOS	21
3.1 Panorama geral da produção de conhecimento	21
3.2 Dificuldade de aprendizagem em Geografia investigada nos artigos: similaridades, percursos e possibilidades de trabalho.....	25
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
5. REFERÊNCIAS	34
6. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	36

INTRODUÇÃO

A temática do ensino e aprendizagem durante toda a graduação me despertou interesse no que dizia respeito ao papel do professor em seu esforço didático para criar condições de aprendizagem com os estudantes. Foi especificamente durante o período em que participei do programa de extensão Residência Pedagógica da Geografia, que se tornou mais evidente essa questão. Minha participação foi marcada por atividades presenciais suspensas, devido a pandemia da Covid-19, por essa razão, as propostas pedagógicas organizadas para dar continuidade ao ensino básico nos levaram a pensar ainda mais nos conteúdos e em novas maneiras de ministra-los, considerando que a interação com os alunos estaria limitada por vezes a um vídeo, por outras aos blocos de atividades impressas. Nesse ponto, quando era exigido dos residentes a colaboração em algum conteúdo, pensávamos não somente na informação essencial condensada, mas também em um bloco de atividades adaptadas, aos estudantes com maiores dificuldades.

Em determinado momento, surgiu uma oportunidade de ajudar a professora da sala de recursos a preparar atividades, e foi quando se abriu um leque ainda mais amplo do que viria a ser as diferentes formas de aprender, dentro de uma mesma faixa etária, com uma turma de 6º a 8º ano do fundamental II. O olhar exigido do professor/residentes nesse período envolvia diretamente, embora não soubesse à época, um cuidado com as Dificuldades de Aprendizagem das estudantes, ainda mais aquele com algum acúmulo de defasagens.

A partir dessas experiências decorridas entre março de 2021 a março de 2022, guardadas as devidas proporções e ressalvas com o contexto pandêmico vivido à época, questões fundamentais sobre as dificuldades de aprendizagem passaram a mobilizar minha atenção, para as quais procurei resposta na elaboração deste trabalho de conclusão de curso, e que serão debatidas ao longo do texto.

Ao estudar a área do ensino de geografia, nos deparamos com uma série de ferramentas, teorias, fórmulas e estratégias de condução e atuação em sala de aula. Sobretudo quando se aborda a prática pedagógica do professorado, a gama de resultados permite ampla discussão. Agora, quando observamos quais os problemas que podem surgir a partir do momento que é proposto uma intervenção, menor quantidade de produção é encontrada. O que esse fato pode nos dizer a respeito do ensino de Geografia hoje? E sobre a produção científica a respeito das dificuldades encontradas dentro de sala de aula pelos professores e estudantes? É sabido que esse espaço se configura como espaço de encontros de diversidades, de ideias, identidades e,

mais recentemente, de interculturalidade, como aponta Cavalcanti (2019). Uma vez posto que sejam pontos de atenção ao docente, na tentativa de para alcançar uma aprendizagem efetiva, pergunto-me, em que medida o desafio de articular o ensino de Geografia em perspectiva com a diversidade cultural e desigualdade social, considerando as questões locais e contexto escolar, podem corroborar para um olhar mais atento e preciso sobre as dificuldades de aprendizagem dos estudantes, que venham a surgir nesse processo de ensino, que é também um movimento de aplicação dessas teorias e ferramentas comentadas:

Há, portanto, uma orientação para que uma reflexão sobre a diversidade cultural parta do entendimento de que esta é uma das maneiras de se vivenciar outras diferenças, todas elas marcadas pelo quadro da desigualdade social. Nesse sentido, o que está sendo destacado no presente texto é a possibilidade de, no ensino, se atentar para as diferenças entre os alunos quanto a diversos aspectos, destacando-se classe social, gênero, raça, etnia, sexualidade, religião, idade, linguagem, origem geográfica (CAVALCANTI, 2019, p.69).

É necessário olhar para quais questões surgem como barreiras ao entendimento e apreensão dos conhecimentos ensinados pelos professores ao seu alunado, uma vez amparados por toda a produção sobre as práticas de ensino. Entender as dinâmicas transversais que levam o alunado a um patamar de desinteresse e conseqüentemente a não-aprendizagem, que, por conseguinte, se transformará em uma Dificuldade de Aprendizagem, acompanhando-o por sua trajetória escolar.

Penso, então, na necessidade de entender melhor como os educandos aprendem a Geografia na escola, tal qual, as dificuldades que surgem no processo de aprendizagem desse componente curricular. Evidentemente que são muitas barreiras, porém, haverá estudos que abordam o surgimento dessas dificuldades e a forma de se lidar com elas, na Geografia, a fim de somar ao trabalho diário do professorado?

Durante as investigações, a complexidade dos fatores que podem levar a um quadro de dificuldade de aprendizagem (D.A), fizeram surgir a questão da origem das D.A em Geografia e, conseqüentemente, o modo como podemos trabalhar elas em sala de aula. Para tal, faz-se necessário entender o que são essas D.A. e, principalmente, o que não são.

Fonseca (2007) concorda que há muita opinião sobre o assunto, mesclada em áreas e conhecimentos diversos e pouca informação precisa, resultando em distanciamento de uma definição consensual. Nesse texto o autor trabalha alguns axiomas que considera importantes às D.A. e afirma: “Em resumo, as DA, em nenhum critério de diagnóstico confiável, podem ser conotadas com deficiência mental, constituem em termos de necessidades especiais por essa característica, um grupo completamente distinto” (FONSECA, 2007, p.139).

Para Sánchez (2002), por outro lado, as D.A. se encontram e devem ser tratadas como parte do grupo de Transtornos do Desenvolvimento, onde, segundo o autor, qualquer tipo de alteração originária na infância ou adolescência ou até vida adulta, se enquadra como Transtorno de Desenvolvimento: “Qualquer tipo de limitação, seja ela mental, sensorial, motora ou comportamental, que cause alterações no desenvolvimento normal das pessoas nessas idades, deve ser incluída como tal” (SANCHÉZ, 2002, p.298, tradução nossa).

Em todo caso, Sánchez (2002) comenta que nas dificuldades de aprendizagem é comum observar um quadro de insucesso escolar, vinculado a questões de comportamento, dificuldades comunicativas e adaptativas. Ou seja, começamos a vislumbrar um vínculo entre os fatores pontuados, que, quase como um “efeito dominó”, afetam tanto o processo educacional do indivíduo e o trabalho docente como o ensino de maneira geral no Brasil.

Ao analisar dados do PNAD Educação (IBGE, 2020), podemos mensurar os desafios que estão postos para a educação brasileira no que tange o insucesso escolar. Na seção sobre abandono escolar, chama atenção que as duas principais causas declaradas são “necessidade de trabalhar” e “não tinha interesse em estudar”, entre as pessoas de 14 a 29 anos que abandonaram os estudos antes de completarem o ensino médio. Há também o recorte de gênero dentre aqueles que abandonaram ou nunca frequentaram a escola, em que 50% dos Homens declararam “precisava trabalhar”, e 33% “não ter interesse”. Já as mulheres, não ter interesse foi o maior motivo, com 24,1%, seguido de gravidez e trabalho com 23,8%. Destacamos ainda a discrepância do motivo “afazeres domésticos”, em que se declaram 11,5% para mulheres e 0,7% para os homens.

Objetivamente falando, esses fatores não são únicos e nem isolados, mas são constituintes da produção das dificuldades de aprendizagem em análise sociocultural. Existe uma conexão direta entre o que esses dados mostram para o percurso que estamos analisando, do ponto de vista das dificuldades de aprendizagem, e sobretudo, do papel da Geografia como disciplina capaz de realizar a “ponte” da sala de aula para a vida material desses estudantes, na proporção em que procura dialogar com a realidade e a percepção espacial dela.

Nesse quesito, é notável a difícil tarefa de fazê-los entender a importância da Geografia na vida, para além da disciplina e da nota escolar. Segundo Cavalcanti (2010) a Geografia possui importância fundamental na vida dos alunos, a partir da vinculação entre compreensão do espaço e os fenômenos sociais, frente ao papel deles como cidadãos:

Embora haja um significativo desenvolvimento da pesquisa e da produção científica sobre a prática de ensino no âmbito específico do ensino de Geografia, é sabido que os avanços teóricos obtidos têm chegado muito lentamente à prática escolar, que permanece em boa parte respaldada em concepções teóricas tradicionais, tanto do ensino quanto da Geografia. Por outro lado, os professores têm insistido na procura de respostas a questões relacionadas com as dificuldades de aprendizagem dos alunos (2010, p.11).

Em acordo, Vesentini reafirma, ao refletir sobre a trajetória do ensino de Geografia no Brasil, que o papel do professor crítico deve considerar o aluno como um ser pensante e não apenas um receptáculo de conteúdos “externo a sua realidade existencial, psicogenética e socioeconômica” (2013, p.224). Ou seja, deve trazer essas questões da realidade material dos estudantes, sua história de vida e conhecimentos prévios, para dentro do processo de ensino-aprendizagem. O autor acrescenta, “é importantíssimo - é mesmo indispensável o estudo e a compreensão da realidade local onde os alunos vivem, onde a escola se situa” (2013, p.224).

Essa constatação nos remete a uma reflexão, ainda de Vesentini (2013), ao tratar das formalidades burocráticas impostas ao ensino básico por meio dos currículos obrigatórios, em que, segundo ele, uma pergunta essencial fica esquecida: para que serve ensinar geografia? Pensando na Geografia crítica que existe hoje, que só vê sentido quando se aproxima do conhecimento da realidade dos alunos, e não só incorpora uma renovação de seu conteúdo, mas contribui para valorização de determinadas atitudes e habilidades. Entre os pontos fundamentais que não podem escapar dentro dessa ciência, sobretudo no que condiz com a sua dimensão escolar, independente de correntes de pensamento, está a contribuição para formação cidadã:

[...] mais do que o domínio de certos conteúdos devem aprender a aprender, aprender a pesquisar, a conviver com os outros, a combater todas as formas de preconceito etc. [...]. Ela tem de mostrar à sociedade que pode contribuir para formar cidadãos, para fazer o educando compreender o mundo em que vivemos, e isso pouco tem a ver com seus rumos [...] específicos na academia ou na universidade (VESENTINI, 2013, p.238, grifo nosso).

A presente pesquisa se propõe, portanto, a analisar o que vem sendo produzido e publicado sobre as dificuldades de aprendizagem na disciplina de Geografia, tendo em mente essas problemáticas relativas ao ensino que atravessam e são atravessadas a todo momento pela temática central.

Na Seção 1 tratamos sobre as Dificuldades de Aprendizagem em sua amplitude conceitual, com a finalidade de traçar uma delimitação entre o que é mais apropriado para o âmbito do ensino de Geografia, além de situar o debate que será feito após a análise do conteúdo

dos artigos explorados. Este capítulo é essencial para o entendimento do que não vem a ser D.A.

Em seguida, na Seção 2, a apresentação da metodologia da pesquisa, a definição do Estado da Arte, e a trajetória percorrida, em consonância com seu objetivo central.

Na Seção 3 reunimos os resultados obtidos com a pesquisa, assim como, a organização desse *corpus documental* de modo a facilitar as análises posteriores.

Iniciamos a apresentação dos resultados da pesquisa na subseção 3.1, com um panorama geral acerca do que foi encontrado e filtrado. Aqui foi feita uma sequência de análises contextuais com a produção de gráficos que mostram como se distribuem essas publicações e seus respectivos autores no território brasileiro, de modo a verificar se há algum tipo de regionalização da produção científica das dificuldades de aprendizagem em Geografia, em escala nacional.

Na subseção 3.2, após a apresentação e contextualização dos artigos encontrados, elaboramos a organização e análise dos conteúdos, a partir de uma investigação sobre a forma como foi abordada a questão das D.A., em teoria e prática, assim como as estratégias para superação da mesma; margeando o caminho que as publicações vêm trilhando e os possíveis rumos para a área.

Por fim, nas Considerações Finais, discutimos as análises principais despertadas com a pesquisa como um todo, especialmente as lacunas identificadas por meio deste Estado da Arte em diálogo crítico com os artigos investigados. Neste ponto também apresentamos o entendimento de como se conectam as diferentes teorias apresentadas para o ensino de Geografia, que considerem as Dificuldades de aprendizagem dos seus educandos.

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Osti (2012), ao buscar um resumo da história dessa área, mostra que a origem das Dificuldades de Aprendizagem foi denominada por um psicólogo chamado Samuel Kirk em 1963, atendendo ao chamado de familiares que buscavam saber as razões das persistentes dificuldades em aquisição da leitura por seus filhos, e recomendou a criação de serviços especializados para esses casos. Após essa denominação, em encontros futuros, houve uma expansão dos conhecimentos da área a partir da influência da medicina, agregando as questões relacionadas às deficiências e transtornos. Os modelos médicos e neurológicos só viriam a ser desvinculados da área a partir de 1990, dando lugar para estudos do campo educativo, com profissionais de diversas áreas.

Como premissa, visualizamos um grande debate em razão do que vem a ser as dificuldades de aprendizagem de maneira geral. Sua história e construção conceitual têm passado por evolução crescente conforme avançam as pesquisas, mas ainda longe de chegar a uma concepção definitiva. Osti (2012), apresenta um panorama do que se discute a respeito das dificuldades de aprendizagem (D.A) em sua amplitude:

Acredita-se que podem ser decorrentes de um problema fisiológico, um estresse grande vivido pela criança, como, por exemplo, problemas familiares envolvendo a perda de algum parente, problemas com alcoolismo ou drogas, separação dos pais, doenças, falta de material e estímulos, tédio na sala de aula, baixa autoestima, problemas patológicos como a TDAH (transtorno de déficit de atenção/hiperatividade), dislexias, psicopatias, alterações no desenvolvimento cerebral, desequilíbrios químicos, hereditariedade, problemas no ambiente doméstico e/ou escolar (OSTI, 2012, p.47).

Desse modo, destacamos a gama de fatores que as D.A podem abranger, seja de ordem psicológica, pedagógica ou fisiológica, na medida que lida com a complexidade humana e seus contextos familiar e escolar, sentidos de maneira única por cada criança/estudante (Osti, 2012).

A partir da pesquisa de Gimenez (2015), o que se pode afirmar em comum é a heterogeneidade dos indivíduos e das D.A., em suas diferentes concepções. A autora faz um importante questionamento na tentativa de definir conceitualmente as dificuldades de aprendizagem e os distúrbios de aprendizagem, assim como de suas variantes. No levantamento da literatura, além dos já mencionados aqui, nos deparamos com termos como dificuldades escolares, problemas de/na aprendizagem, transtorno de aprendizagem etc.

Ainda com a mesma autora, segundo as definições recentes mais aceitas, os distúrbios de aprendizagem estão mais vinculados aos fatores de origem neurológica e orgânica envolvendo falhas no funcionamento psíquico normal da criança ou adulto: “Este referencial aponta, portanto, que a disfunção neurológica é a característica fundamental que diferencia uma criança com distúrbio de aprendizagem daquelas com problemas de inteligência ou com dificuldades de aprendizagem” (GIMENEZ, 2015, p.80).

Já para as dificuldades de aprendizagem, observamos que alguns autores a dividem em dois grupos, dos fatores biológicos e dos sociais, ou mesmo, que existe uma base biológica com o fator agravante do ambiente. Ou seja, após pontuar perspectivas diferentes, até mesmo divergentes, a autora considera que a D.A deve ser entendida a partir da interação dos múltiplos fatores que a constituem:

[...]e isso faz com que se considere a constelação de aspectos que a envolve, como as diferenças culturais e/ou sociais, fatores familiares, bem como o próprio sistema educacional. Estes devem, portanto, ser considerados quando se buscam os elementos determinantes das dificuldades de aprendizagem e não somente aqueles relacionados a problemas inerentes ao sujeito aprendiz (GIMENEZ, 2015, p.82).

Outras divergências também foram vistas em Sánchez (2002) que notou diferentes tratamentos de acordo com a cultura do país, preocupando-se com o direcionamento dado a partir de determinados conceitos, e criticando uma abordagem que introduz e mescla níveis de gravidade dos distúrbios com problemas de aprendizagem que podem, ainda, se confundir com atrasos de aprendizagem, cabíveis de se diluir ao longo do processo educativo:

Exemplos de interpretações culturais diferentes, e inclusive divergentes, sobre a educação especial, ou a consideração da deficiência como uma construção social, ou a ênfase no uso ou não de drogas (por exemplo, nos EUA para o tratamento do TDAH enquanto na Europa a ênfase está na abordagem cognitivo-comportamental), ou as atitudes dos professores face a comportamentos agressivos ou face ao «fracasso escolar», apenas confirmam a necessidade de uma perspectiva sociocultural, também no campo dos transtornos do desenvolvimento (SANCHÉZ, 2002, p.299, tradução nossa).

Se considerarmos essa divisão que muitos autores colocam, do social e do biológico, haverá ainda incompatibilidades dentro de cada uma. Em contrapartida a isso, Gimenez (2015) conclui com sua perspectiva de atuar frente as D.A, seja qual for a nomenclatura, além da constelação de fatores causais, como pertencente ao processo de ensino-aprendizagem, e, por isso, distanciando-se da medicalização precoce das crianças. Dialogando também com Osti (2012), quando percebe um limite sutil entre o distúrbio e a dificuldade de aprendizagem, de modo a tomar como identificador a intensidade de cada um, onde o primeiro está mais ligado a

questões orgânicas e neurológicas, e o segundo, pode ser trabalhado na escola e se origina por fatores como falta de estimulação, motivação, inadaptação etc.

Em síntese, observamos alguns pontos em comum dentro das teorias apresentadas, que são diretamente relacionados a área do pensamento geográfico: a influência do meio, o grupo heterogêneo de problemas causais, e a comum ocorrência com outras deficiências, gerando as dificuldades múltiplas nos indivíduos jovens e adultos. Ou seja, partindo desse levantamento, é possível visualizar a conexão entre a dificuldade de aprendizagem, o contexto cultural e a desigualdade social. Cenci e Costas (2010, p.263) argumentam uma forma de tratamento para essas D.A:

Tais estudos reforçam a ideia de que compreender a dificuldade de aprendizagem descontextualizando-o do meio sócio-cultural é um engodo. Não se quer dizer que ela não exista, mas que, se compreendida isoladamente, parecerá que a dificuldade é centrada apenas no aluno que apresenta algum transtorno que não o permitiria aprender.

Ademais, Cenci e Costas (2010) defendem a importância do papel do professor como um mediador do processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno, como um ser sociocultural, a partir da perspectiva Histórico-cultural de Vygotsky. Tamanha a relevância desse papel que Osti (2012) dedica um capítulo para pensar a dimensão do professor e as dificuldades de aprendizagem, e revalida que é importante colocar em debate a forma como os professores se apropriam dos conhecimentos sobre a área de D.A. para lidar com as mais variadas situações que o alunado pode demandar, como problemas emocionais, insegurança, agressividade, apatia, carência entre outras tantas, que podem interferir no processo de aprendizagem.

Para finalizar, em vista da complexidade e também a quantidade de discussões elencadas sobre as Dificuldades de Aprendizagem, é valioso apresentar uma última definição geral frente as diversas teorias levantadas, sobretudo para responder à necessidade pedagógica da Geografia em sua prática cotidiana, para a qual é preciso antes de tudo, cuidado:

O rendimento e desempenho escolar podem ser influenciados tanto por problemas afetivos, cognitivos, como por problemas relacionados à escola. O aluno pode apresentar dificuldades de aprendizagem como consequência de não estar se adaptando à metodologia usada, ou por dificuldades na relação com o professor e com os colegas. Para tanto, é imprescindível a observação global deste aluno, para que seja possível levantar hipóteses sobre a origem de sua dificuldade antes de se categorizar como sendo de ordem familiar ou patológica, restringindo, assim, o auxílio a essa criança (OSTI, 2012, p.59).

2. METODOLOGIA DA PESQUISA

Esse trabalho tem como objetivo entender o que está sendo produzido a respeito das dificuldades de aprendizagem dos estudantes de Geografia do ensino básico público, relacionada à aprendizagem de Geografia no cotidiano escolar, nas publicações de periódicos constantes na plataforma ‘Portal Periódicos’ da Capes.

A pesquisa se configura como “Estado da Arte”, pois realiza um estudo abrangente, através do Portal Periódicos da CAPES, em busca das produções existentes acerca do tema em questão, entendendo que sua análise pode contribuir para com a produção de conhecimento e a valorização da área na comunidade acadêmica e na rede de ensino básica. Conforme, Romanowski e Ens (2006):

Estados da arte podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação (...) (2006, p. 39).

Importante comentar de início uma breve diferenciação apontada pelas mesmas autoras: “O estudo que aborda apenas um setor das publicações sobre o tema estudado vem sendo denominado de “estado do conhecimento” (ROMANOWSKI e ENS, 2006, p.4). Portanto, o estado da arte seria aquele que se estende ao maior número e tipos de publicações. No entanto, é necessário considerar que a metodologia de análise de caráter quantitativo e qualitativo, analisada sob determinado conjunto de aportes teóricos, se mantém a mesma. Ferreira (2002), inicia justamente com essa delimitação, onde as duas são:

Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares (...) (2002, p.257).

O Portal Periódicos da CAPES possui mais de 49 mil periódicos em texto completo e outras muitas bases de dados em conteúdos variados. Seu principal meio de busca é a caixa de pesquisa única, onde é possível procurar por palavras-chave, tema, título ou código DOI etc. Após essa primeira busca, haverá opções de refinamento da pesquisa em “busca avançada” e nas diferentes opções de filtros.

Através do Guia Rápido indicado pela Plataforma, em sua página inicial, conheci melhor as diferentes maneiras de conseguir resultados para a busca por periódicos. Se tratando de uma caixa única de pesquisa, a forma como se escolhe os buscadores é fundamental para o que será apresentado. Segundo o Guia, pode-se utilizar os chamados operadores booleanos, que servem para indicar ao sistema o que fazer com as palavras informadas na caixa, e assim refinar a busca. São eles, AND, OR ou NOT, respectivamente E, OU, e, NÃO, que indicam ao sistema o que se espera dos periódicos. Além dessa estratégia, também foi considerado o uso das aspas, indicando ao sistema aquilo que é essencial na busca e deve conter no título ou resumo do artigo.

Pensando nessas instruções de pesquisa apresentadas, foi utilizado para a busca dos periódicos, os seguintes comandos: “Dificuldades de aprendizagem em Geografia” (54 resultados), “dificuldades de aprendizagem “em Geografia”. ” (21 resultados), e “dificuldades de aprendizagem AND em Geografia” (53 resultados). Por escolha, esses são resultados já filtrados com a opção “revisados por pares”, uma vez que este trabalho também será analisado por uma banca examinadora.

Analizados todos os resumos dos artigos, e por vezes buscando no conteúdo dos mesmos, foi possível filtrar aqueles que melhor se aproximavam da área de pesquisa proposta para assim analisar mais profundamente seu conteúdo e abordagens. Foram criadas tabelas para melhor organizar os títulos selecionados e discorrer sobre suas questões gerais no que se aproxima ou distância desta pesquisa.

Essencial dizer que os buscadores não foram escolhidos ao acaso, mas sim por tentativa e erro, dentre as opções que melhor lograram resultados. Inclusive, analisando alguns deles, podemos notar de início uma complicação para encontrar resultados objetivos sobre o assunto. Por exemplo, utilizando o seguinte buscador (considerando as aspas): “dificuldades de aprendizagem em Geografia”, a Plataforma não apresentou nenhum resultado. O que significa que o sistema não encontra nenhum periódico especificamente com essa sequência de palavras em seu título e/ou resumo.

Nesse sentido, a busca por artigos específicos relacionados a área dessa pesquisa não foi simples, dada suas especificidades, com o foco por vezes na atuação docente, por outras nas técnicas de ensino-aprendizagem ou em metodologias para superar dificuldades da disciplina

em si, entre outras. De modo que foi necessário encontrar um ponto comum de pesquisa, ou seja, esta grande área das dificuldades de aprendizagem relacionadas à disciplina Geografia, e avaliar como cada um dos periódicos trata a dimensão dos estudantes e suas dificuldades de aprendizagem em Geografia.

Foram considerados apenas aqueles artigos que tratam de alguma forma das dificuldades dos alunos em Geografia, seja do ensino básico ou superior. Porém, após análise de alguns, foi possível considerar aqueles que abordaram as dificuldades de aprendizagem de professores, quando se tratando de cursos de formação continuada, visto que estão na posição de estudante e, principalmente, observando se o artigo trouxe uma abordagem interessante para as dificuldades apresentadas.

Em resumo, para atender ao objetivo principal de averiguar o que se produz sobre as dificuldades de aprendizagem dos estudantes de ensino básico público, foi necessário ampliar a pesquisa e obter um panorama da área temática, a fim de possibilitar a avaliação crítica proposta.

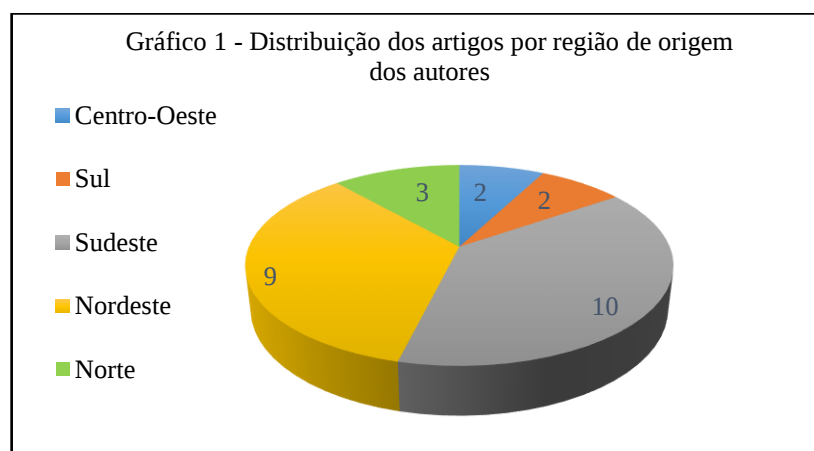
3. RESULTADOS

Ao todo foram selecionados 25 artigos, dos 128 pesquisados, após os refinamentos descritos e a filtragem por resumos e conteúdo. Desses, analisamos as propostas de direcionamento e entendimento das dificuldades de aprendizagem a fim de dimensionar os rumos das produções mais recentes dessa área de estudo. Para contribuir com essa finalidade, está apresentada a seguir uma organização das características geográficas gerais desses periódicos.

A sistematização desses dados foi norteada por um questionamento em relação da quantidade de artigos oriundos de algumas partes específicas do Brasil, portanto, haveriam regiões e/ou periódicos mais interessados na questão das Dificuldades de Aprendizagem? Evidentemente que tal questão necessitaria de uma pesquisa mais ampla e aprofundada, no entanto, para esse trabalho, foi importante realizar esse inventário de dados com a finalidade de entender as origens dos textos analisados, até para contribuir para o estado da arte realizado. Isto é, os rumos dos artigos e de seus autores, também faz parte do levantamento da grande área aqui investigada, as Dificuldades de Aprendizagem em Geografia.

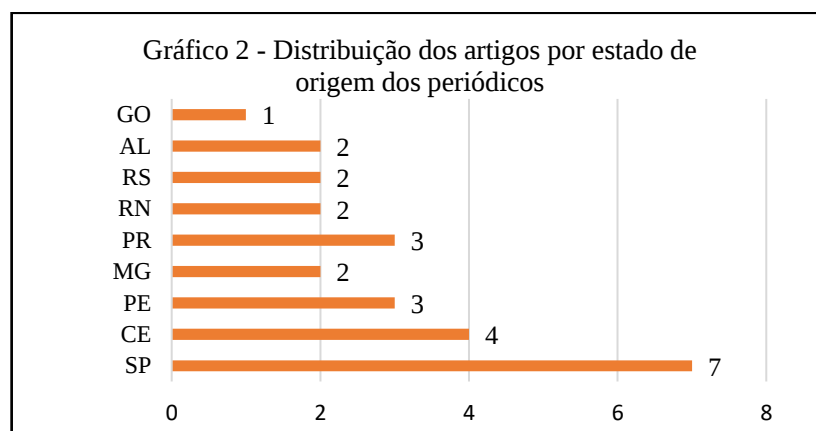
3.1. Panorama geral da produção de conhecimento

O gráfico 1, a seguir, apresenta a distribuição dos artigos conforme a região de origem de seus autores, a partir da instituição de formação. Chama atenção a quantidade expressiva de autores do Sudeste, com maior número, 10 autores, e do Nordeste, em segundo lugar com 9 autores. Enquanto os outros se mantêm com números bem abaixo.



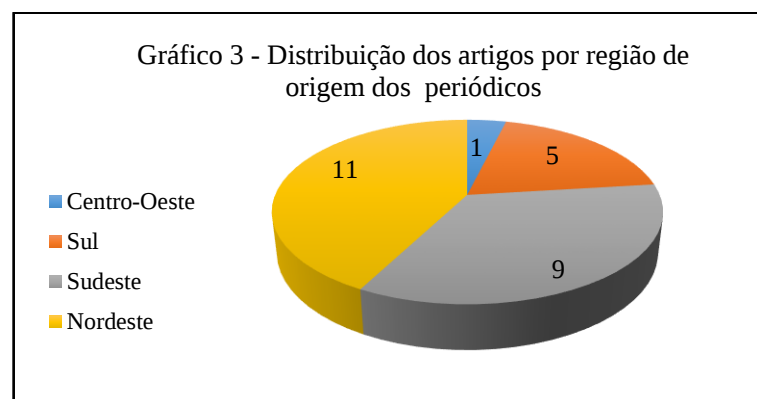
Fonte: elaborado pelo autor, 2023.

Esta distribuição se faz importante, quando observada em conjunto com o Gráfico 2 que apresenta o recorte da distribuição dos artigos por Estado de origem dos periódicos analisados. Onde há uma predominância forte de São Paulo em relação aos outros, refletindo sua expressiva capacidade de publicação, conseqüentemente, maior possibilidade de produzir pesquisa sobre a temática em questão. É notável a importância de algumas Revistas específicas de Educação, que garantiram uma sequência de publicações ao redor da temática “Dificuldades de aprendizagem em Geografia”, gerando essa disparidade para São Paulo e, também ocorrida no Ceará e Pernambuco.



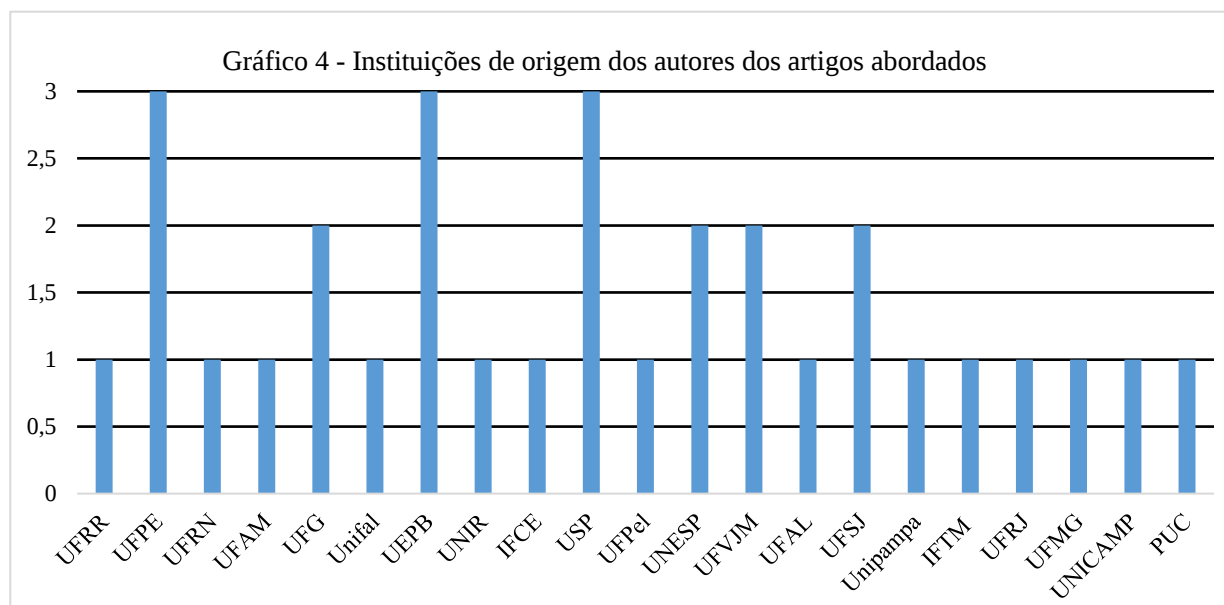
Fonte: elaborado pelo autor, 2023.

Contrastando com o destaque de SP na publicação de periódicos, observamos o conjunto de publicações oriundas da Região Nordeste, no Gráfico 3. Surpreendendo com um conjunto maior de artigos publicados, o que foi constatado também durante a filtragem dos artigos para a análise posterior, onde a maioria dos que se aproximavam dos objetivos buscados, se originavam dessa região. Interessante notar que não há periódicos na Região Norte brasileira dentro desta seleção.



Fonte: elaborado pelo autor, 2023.

Por fim, um último dado que gostaríamos de destacar desta sistematização, é a instituição de origem dos autores, que não necessariamente reflete a região de publicação da revista ou do artigo, anteriormente apresentadas.



Fonte: elaborado pelo autor, 2023.

Aqui encontramos uma variedade de regionalidades, com destaque para Universidade de São Paulo, e também para Universidade Estadual da Paraíba, e da Federal do Pernambuco com três autores cada. Além disso, apesar de não haver publicações de periódicos na região Norte, temos quatro autores de Universidades dessa região, ao contrário do Nordeste, que se confirma com os dados anteriores tendo um total de nove autores dessa região, distribuídos em cinco Universidades e cinco Estados. Destacamos também o Estado de Minas Gerais, na presença de sete autores em cinco Universidades, que se somados a São Paulo com seus seis autores, alcançam o total de doze autores pensadores da questão das dificuldades de aprendizagem em Geografia, nesses Estados.

Dados como esses ajudam a entender de onde vem as produções científicas aqui investigadas, e também, a localizar onde estão sendo pensadas questões próximas às preocupações aqui levantadas, sendo consideradas, como possíveis referências para os próximos passos de desenvolvimento deste campo de conhecimento.

Além do formato em gráfico, também foi organizado uma tabela com os trabalhos analisados para melhor visualização do corpus da pesquisa. A discussão acerca do seu conteúdo está apresentada na próxima subseção.

Tabela 1 - Organização do corpus da pesquisa em código de identificação, títulos, nome dos autores e a instituição de vinculação.

Cod.	Título do artigo	Autores (as)	IES atual	Ano
A1	Cartografia e Geografia: Google Earth como metodologia de ensino.	Mayk Feitosa Santos; Antônio Carlos Ribeiro Araújo Junior; Vladimir de Souza.	UFRR	2020
A2	O uso da Cartografia Social como alternativa didática na construção de um ensino-aprendizagem significativo na Geografia Escolar	Thomáz Augusto Sobral Pinho; Roberto Ribeiro Pinho	UFPE	2021
A3	Metodologias para o ensino de geografia física.	Camila de Oliveira Louzada; Armando Brito Frota Filho	UFAM; UFRJ	2017
A4	Geografia escolar a avaliação da aprendizagem: uma reflexão a partir das aulas de Geografia em uma escola pública de São João do Sagubi-RN	Elaine Cristina de Medeiros Pereira; Djanní Martinho dos S. Sobrinho; Tânia Cristina Meira Garcia.	UFRN	2018
A5	Linguagem cartográfica no ensino de Geografia	Débora da Silva Pereira	UFG	2015
A6	Como estudantes interpretam a Geografia ensinada: o caso da Escola Lina Seffer - PA	Leildo Dias Silva; Erinaldo Vicente Cavalcanti.	UFPA; UFPE	2020
A7	A percepção dos formandos da escola normal de alagoa Grande/PB, acerca do ensino-aprendizagem de geografia.	Jonathas Eduardo Domingos Moraes; Dra. Jossandra Araújo Barreto de Melo.	UEPB	2011
A8	Oficina de Maquete: busca por um aprofundamento no processo de ensino-aprendizagem	Sandra de Castro de Azevedo; Vinicius Monteiro Arcanjo; Haroldo Junior Martins Cardoso	Unifal; Unicamp; UFMG	2018
A9	A Geografia escolar na percepção dos alunos de uma escola pública em Campina Grande-PB: algumas contribuições metodológicas para o ensino	Jacicleide Gomes da Silva Montenegro; Antônio Pereira Cardoso Silva Filho.	UEPB	2018
A10	Pesquisa e educação de professores de Geografia: um olhar pela teoria da representação social.	José Maria Leite Botelho; Ana Maria de Lima Souza.	UNIR	2017
A11	A imagem como recurso didático para o ensino de Geografia na educação básica.	Jean Oliveira Campos; Nathália Rocha Moraes.	UEPB	2019
A12	Metodologias ativas em geografia: Experiências docentes do instituto federal de educação, ciência e tecnologia do Ceará (IFCE).	Anna Erika Ferreira Lima; Danielle Rodrigues da Silva; Enos Feitosa de Araújo.	IFCE	2018
A13	Autonomia e epistemologia da prática: análise a partir da feira de conhecimentos sobre américa latina.	Rinaldo de Castilho Rossi.	USP	2020
A14	A Formação de Professores e a Importância do mapa na compreensão da Espacialidade por meio da construção de conceitos cartográficos	Sonia Maria Munhoes Romano.	USP	2020

A15	Construção de uma maquete didática e aplicação no ensino de conteúdos geográficos.	Luis Eduardo Akiyoshi Sanches Suzuki; Guinter Scheunemann; Rosangela Lurdes Spironello.	UFPel	2021
A16	O saber geográfico e seu desenvolvimento na escola pública: reflexão/prática.	Marluce Silva Sousa; Dimas Moraes Peixinho.	UFG	2006
A17	Múltiplas linguagens na produção do saber geográfico escolar	Clayton Jose Budin.	UNESP	2020
A18	Classes de solo e o lúdico: jogo de cartas como prática pedagógica para aprendizagem	Ilziane Carmem Martins.	UFVJM	2020
A19	O ensino híbrido no contexto da pandemia: Dilemas e perspectivas no ensino e nas aulas de Geografia.	Nayara Barreto da Costa; José Marcelo Lopes Júnior; Fernando Barros da Silva; Laura das Chagas Melo.	UFAL	2021
A20	Currículo de Geografia em sala de aula: relações de mediação e construções de aprendizagens significativas em geomorfologia na formação inicial	Carla Juscélia de Oliveira Souza; Eni de Faria Sena.	UFSJ; PUC-SP	2018
A21	Adaptação do jogo WAR® como ferramenta didática aplicada ao ensino de Geografia - WARGEO	Rafael Roehrs; Úrsula Freitag Gasparotto Denardin; Dandara Fidelis Escoto; Elton Luis Gasparotto Denardin.	Unipampa	2017
A22	Linguagem cartográfica e esporte orientação na formação continuada de professores de Geografia	Arcênio Meneses da Silva; João Pedro Pezzato.	IFTM; UNESP	2012
A23	O ensino de climatologia no vale do Jequitinhonha	Pacelli Henrique Martins Teodoro.	UFVJM	2018
A24	A água nos processos modeladores do relevo no domínio tropical: um mapa conceitual	Luciana Serelli Macedo Aranha; Carla Juscélia de Oliveira Souza.	UFSJ	2013
A25	Estratégias de ensino-aprendizagem de escala cartográfica linear junto aos estudantes de Geografia da UFAL	Umbelino Oliveira de Andrade; Mário De Bias.	USP	2019

Fonte: elaborado pelo autor, 2023.

3.2. A Dificuldade de Aprendizagem em Geografia investigada nos artigos: similaridades, percursos e possibilidades de trabalho.

Ao analisar o conteúdo dos artigos selecionados, foi possível constatar diferentes olhares para situações de ensino-aprendizagem que, de alguma forma, estavam relacionadas com as dificuldades de aprendizagem. Evidente que já era esperada tamanha gama de perspectivas e caminhos metodológicos, conhecida a complexidade do campo educacional,

sobretudo, após levantamento e constatação da heterogeneidade tanto de causas como de conceitos que englobam as D.A.

Diante disso, organizamos os artigos conforme a Tabela 2 adiante, com a necessidade de caracterizá-los a partir das ideias em comum. Importante dizer que cada artigo representa “uma ponta de iceberg”, por isso, não temos a pretensão de explorar minuciosamente os discursos apresentados de modo a confundir os objetivos deste trabalho, mas sim explorar a discussão em torno da temática deste trabalho, e do olhar destinado aos sujeitos dessas dificuldades.

Outra questão relevante a se mencionar é que apenas um dos artigos, embasou as Dificuldades de Aprendizagem em sua produção científica. Ou seja, o fator em comum que perpassa a todos os artigos analisados, é o tratamento a partir do entendimento geral da sociedade sobre o que seriam as dificuldades na aprendizagem, por vezes tratada com outros nomes, sem muita distinção ou aprofundamento teórico. Isto posto, se faz necessário pontuar que quando for falado das Dificuldades de Aprendizagem dos artigos, não estaremos invocando os conceitos do capítulo 1, mas trabalhando dentro dessa heterogeneidade, sem maiores delimitações, a não ser quando especificado, do que pode vir a ser essas dificuldades.

Tabela 2 - Divisão dos artigos analisados e organizados conforme o tratamento atribuído às Dificuldades de Aprendizagem, aos sujeitos dessas dificuldades e à proposta de intervenção.

Características dos Agrupamentos	Cod. dos Artigos
Artigo que fez questionário, apresentou uma teoria de D.A. e metodologia como resposta.	A9; A20
De maneira direta, abordam as dificuldades de aprendizagem com questionários e propõe uma metodologia para lidar com elas.	A1; A2; A6; A11; A14; A24
De maneira indireta, abordam as dificuldades como decorrente de um fator seja o ensino, a prática docente ou recursos, focando mais na metodologia ou reflexão como forma de lidar.	A7; A10; A13; A16; A17; A19; 22;
Artigos que trabalham a aprendizagem, consideram a existência das Dificuldades, e propõem uma metodologia para lidar, porém, não questionando os sujeitos da educação.	A3; A4; A5; A8; A12;; A15; A18; A21; A23; A25.

Fonte: elaborado pelo autor, 2023.

Primeiramente, os artigos colocados na primeira linha da tabela, foram os que mais se aproximavam daquilo que era esperado buscar com este trabalho de conclusão. Naqueles artigos, A9 e A20, estão discutidas as D.A. a partir de um questionário apresentado aos estudantes, em seguida, uma intervenção didática pensada considerando as respostas. O A9, inicia com uma análise sobre as dificuldades percebidas pelos alunos em seu processo de ensino-aprendizagem e analisa de maneira social essa questão; olha para o cotidiano destes

estudantes e relaciona o quanto a Geografia pode contribuir para uma melhor significação a partir da veiculação dos conteúdos com mais proximidade da realidade desses sujeitos: “Quando o professor não relaciona o cotidiano dos alunos com as aulas ministradas, deixa o ensino muito distante, tornando praticamente impossível a relação teoria-prática e a análise concreta do que é visto nas aulas” (A9, 2018, p.86). O texto também articula uma série de estratégias para serem observadas e aplicadas, como o trabalho de campo e inovações metodológicas que se afastem do tradicional ensino mnemônico: “Portanto, os alunos indicaram como as maiores dificuldades para a efetivação do processo ensino-aprendizagem a falta de aulas práticas e o uso exclusivo do livro didático” (A9, 2018, p.92).

Já o A20 merece destaque, pois, foi o único artigo que buscou uma referência teórica basilar de seu pensamento sobre as dificuldades de aprendizagem, onde consta que podem ser elas de origem pedagógica, didática ou cognitivas, se baseando em Libâneo. Desta forma, pondera que “a forma de organizar o processo de ensino-aprendizagem refere-se à maneira como o aluno percebe os conteúdos a serem apreendidos” (A20, 2017, p.82). Ou seja, partir dos conhecimentos prévios e da realidade objetiva desse estudante, o que gerou uma transformação nas aulas de geomorfologia em um formato que dialogasse com os estudantes em geral. Ressaltou o papel do professor como mediador dessa mudança que começou quando: “[...] considerou outra perspectiva do ensino-aprendizagem que passa pela cognição, ao levar em conta as dificuldades dos alunos com a representação e visualização espacial” (A20, 2017, p.82), mas, não deixa de afirmar que só se efetiva conforme a maneira que os alunos percebem os conteúdos a serem apreendidos.

O segundo grupo na linha seguinte da tabela 2, aloca os artigos que procuraram executar uma proposta didática, partindo de respostas obtidas por meio de questionários diretamente aos estudantes, envolvendo suas dificuldades com as aulas. Em A1, por exemplo, notamos uma preocupação em abordar os conhecimentos já existentes, tanto dos estudantes como dos professores que também foram alvo da pesquisa, aplicando questionários antes e depois da oficina ministrada, inclusive, adaptando a mesma de acordo com esses conhecimentos prévios. No entanto, no que tange o tema das D.A, este artigo apresenta uma visão no sentido contrário ao que já foi discutido, a começar pelo termo “deficiências de conceitos”, utilizado sem discussão teórica. Depois, apresenta um dado e uma justificativa que nos interessa: “[...]22% não assimilaram os conhecimentos dos conceitos básicos da cartografia. A este resultado atribui-se momentos de dispersão dos alunos durante a oficina e primordialmente, deficiências

conceituais oriundas de fases escolares anteriores” (A1, 2020, p.13). Enquanto os demais 78% conseguiram satisfazer os pesquisadores sem maiores problemas.

Os outros artigos apresentam visões diferentes do A1, e alguns se aproximam em determinados pontos, por exemplo, A2, A6 e A11, se dedicam a questionar sobre a “apatia na aprendizagem” e “falta de interesse” na disciplina, respectivamente. Em A2, o questionário aos alunos apontou a dificuldade de interpretar e os recursos pouco atrativos (lousa e livro) como causa para a apatia; já o A6 olha para os estudantes para entender como pensam, interpretam, compreendem e dão significado para o ensino de Geografia, e, assinalam que há um distanciamento entre a Geografia ensinada e o cotidiano dos estudantes, criando o desinteresse. De modo geral, afirmam que o conhecimento: “Necessita ser produzido de maneira conectada às experiências dos alunos, tornando-os, assim, sujeitos históricos que produzem os espaços e que se relacionam com o lugar, com a paisagem, com a região e com o território” (A6, 2020, p.208).

Mas, por outro ponto de vista, A14 repara nas dificuldades encontradas por alunos de Geografia, mas enxerga sua solução na intervenção com os professores, tendo em vista a perspectiva Sócio-histórica em relação ao papel da mediação para o desenvolvimento, em vista também, da notoriedade que atribuem para as atividades como ferramentas de alcance dos objetivos pedagógicos:

E ainda, atividades que fomentem a tomada de decisões a respeito da aprendizagem que se irá realizar, tendo em conta o ponto pessoal de partida; que façam surgir as habilidades que objetivaram; que orientem seu pensamento mediante interrogações e supostas formulações, pedindo aos alunos explicações sobre seu próprio processo e o processo a partir do qual chegam ao conhecimento, utilizando-se da linguagem para a generalização em diferentes situações e contextos, assim como a reconceitualização das experiências vividas (A14, 2011, p.12).

Adiante na Tabela 2, estão agrupados na terceira linha, os artigos cuja maior característica está na falta de um questionário frente ao alunado, e sua abordagem descentralizada sobre as dificuldades, principalmente com novas metodologias de trabalho. Por exemplo, A7, A16, A17 e A22, apresentam ou defendem alguma metodologia que foge ao tradicional, como forma de lidar com as dificuldades do ensino de Geografia, por exemplo a metodologia de Esporte e Orientação para a construção e orientação de mapas: “O uso desse esporte como instrumento pedagógico leva em conta as possibilidades de os professores vivenciarem as aprendizagens a partir de uma percepção em contato direto com a natureza,

facilitando e estreitando a distância entre o abstrato representado no mapa e os objetos no espaço real, observados no terreno” (A22, 2012, p.667).

Além disso, os artigos A7, A16, A17 e A19, concordam sobre a necessidade de considerar o cotidiano do estudante para um ensino crítico e promotor de significado, A7 utiliza o termo “espaço vivido dos alunos”, e A17 fala em “práticas cotidianas dos alunos”, enquanto A16, “o saber do aluno para construção da prática de ensino de Geografia”. Os três possuem um olhar sociocultural para a Geografia e suas metodologias, ao exemplo de A17: “o que se pretendem aqui demonstra é que a aprendizagem escolar de forma situada requer uma visão multifacetada de como o conhecimento e a aprendizagem são parte da prática social, portanto contextualizada e que dá sentido ao desenvolvimento cognitivo dos sujeitos [...]” (2020, p.75).

Vale destacar o artigo A13 que apresenta uma preocupação díspar a respeito do papel do Lugar na aprendizagem, pois se baseia no conceito da autonomia do pensamento dos estudantes e seu trabalho coletivo como potenciais formas de vencer as barreiras sutis do ensino público. Seu enfoque está mais voltado para a apresentação da metodologia para que as escolas futuramente possam implementar no processo de ensino-aprendizagem, por isso há uma série de considerações em destaque, por exemplo, a importância da interdisciplinaridade, do uso de múltiplas linguagens, técnicas geográficas, utilização das artes, entre outras. Ao que interessa a nós, apresenta o método de autoavaliação coletiva como possibilidade: “revelou-se potente ferramenta de amadurecimento, tendo certo papel ‘terapêutico’, permitindo um diálogo franco sobre inseguranças e dificuldades, e como a construção do projeto permitiu trabalhar aspectos que não se restringiram a atributos acadêmicos, mas também pessoais e profissionais” (A13, 2020, p.108).

Por fim, o último agrupamento fica marcado por artigos que buscam maiores respostas para o processo de aprendizagem do que para dificuldades dos estudantes, que acabam deixados como consequência do desenvolvimento da primeira. Notamos esse encaminhamento da discussão em A4, A5, A8, A15, A18 e A25.

Conforme A4, a avaliação formativa da aprendizagem, que é posterior a avaliação diagnóstica, é uma ferramenta muito importante para aprendizagem e aproximação do professor e aluno: “Nessa abordagem, o objetivo principal é a valorização do processo de aprender do estudante, visando a sua inclusão no ambiente escolar” (A4, 2018, p.111).

Outro exemplo deste grupo está nos artigos A15 e A18 que apresentam atividades mais práticas para lidar com as questões de dificuldade. O primeiro deles defende o uso das maquetes

elaboradas pelos próprios educandos, com toda a mediação dos professores, como recurso didático importante para diversas habilidades: “aproveitar o momento de construção da maquete com os alunos para desenvolver e estimular outras habilidades como o trabalho em grupo, a coordenação de uma equipe, a sensibilidade ao tato, a observação e a interpretação de imagens e o senso de localização, dentre outras possibilidades” (A15, 2021, p.19).

No mesmo sentido, A18 realiza sua pesquisa onde o objetivo se dá através da criação de um jogo de cartas, elaborado com uma turma onde alguns estudantes apresentavam dificuldades de concentração na disciplina de Geografia. Ao aplicar questionário pós atividade, verificou uma melhora na apreensão dos conteúdos com elogios ao aspecto do lúdico e da novidade. Segundo os autores é possível ampliar o jogo para trabalhar uma serie de conteúdos e inclusive se aproximar dos estudantes: “Diante disso foi possível identificar habilidades e conhecimentos prévios muito relacionadas ao contexto do município em que vivem, as quais foram facilmente apropriadas durante a prática e contribuíram para a assimilação do conteúdo” (A18, 2020, p.631).

Para citar mais um exemplo, temos em A5 uma aproximação subliminar das questões de dificuldade de aprendizagem, ao falar dos conceitos básicos que o alunado precisa ter desenvolvido a fim de se apropriar da linguagem cartográfica com êxito. Essa alfabetização da linguagem cartográfica é colocada a cargo do professorado, portanto, como já falado em A14, nessa perspectiva as dificuldades dos estudantes surgem a partir de uma execução não-efetiva do processo de ensino. Para tal, arquitetam que é preciso aprofundamento na ideia de aprendizagem significativa, onde: “O processo de alfabetização da linguagem cartográfica se encaixa no viver da rotina do aluno, o conhecimento da criança começa a ser destacada em seu lado empírico, nos seus afazeres diários, em suas rotinas” (A5, 2015, p.66).

Por fim, temos uma visão panorâmica do que foi tratado nos artigos analisados e de maneira geral percebemos o avanço de forma propositiva na tentativa de oferecer alguma ferramenta metodológica à área de educação em Geografia. No que tange as questões das D.A. ficaram marcadas aqui os diferentes conceitos ou nomenclaturas atribuídas: dificuldades no ensino, dificuldade dos professores, dificuldades de trabalhar conteúdos, dificuldade da temática, deficiência conceitual, dificuldade de interpretar, entre outros; se distanciando dos conceitos levantados no capítulo primeiro, que são específicos da área e pensados para tal, indicando, assim, um caminho possível para a vinculação e apoio dessas áreas do conhecimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos até aqui, existe uma preocupação com as dificuldades que circundam o ensino de Geografia no âmbito escolar ou universitário. Por vezes o foco da questão se direciona para o trabalho pedagógico-metodológico do professorado, por outras se recai sobre a dimensão do alunado dando importância para os fatores influentes em seu processo. No entanto, a presente pesquisa objetivou olhar para o campo de conhecimento das dificuldades de aprendizagem em Geografia, de modo a encontrar um panorama sobre a área e visualizar o que tem sido produzido a respeito da mesma. Para tal, foi fundamental o levantamento do que viria a ser conceitualmente essa área do conhecimento desde sua fundação até as contradições ainda persistentes. E depois, passa por entender as proximidades e as distâncias entre as perspectivas de D.A. encontradas nas publicações de periódicos alocados na Plataforma Capes, no contexto do ensino de Geografia.

Pelo que foi analisado, grande parte dos artigos vinculam o desinteresse e a apatia, tanto com a Geografia, quanto com a escola ou mesmo o ensino de modo geral, conduzindo os estudantes a um caminho que leva à desistência e ao fracasso escolar. A dificuldade é vista como sinônimo de um problema, o que gera a preocupação dos artigos em oferecer metodologias, ferramentas ou formação complementar, para lidar com essa questão do ensino-aprendizagem.

Esta falta de delimitação conceitual analisada nos artigos, talvez uma atitude irrefletida, como já mencionado, não somente para os diferentes termos das Dificuldades de Aprendizagem, mas também com relação aos termos “processo de aprendizagem” e “ensino-aprendizagem” tratados como sinônimos de uma mesma perspectiva relativa ao ensino, pode ser a lacuna que precise de atenção nesse momento, a fim de se iniciar o debate de uma maior efetividade do ensino de Geografia e, inclusive, das práticas cotidianas que se frustram frente às barreiras diárias da educação.

Aqueles artigos que mais se aproximam de trabalhar as D.A, por vezes, perpassam um ponto que poderia ser explorado e aprofundado, por exemplo, quando em determinado questionário o estudante responde que não gosta de geografia pois sente uma dificuldade em aprender; este aluno, frente a outras opções de resposta como, “disciplina chata”, “muita lição”, entre outras, escolhe dizer que está com dificuldades. Há algo importante sendo dito, que é onde esse campo de conhecimento apresentado pode oferecer ferramentas de resposta.

Nos parece que há uma tendência a falar de uma dificuldade de aprendizagem, sem olhar para o sujeito que aprende, no caso, os estudantes, atribuindo maior importância para outros fatores influentes e esperando que as problemáticas educacionais sejam resolvidas a partir de uma dose de inovação injetada. Ainda aqueles que avaliam de alguma forma as dificuldades dos sujeitos, em sua maioria através dos questionários, também não o fazem de forma amparada na teoria de D.A. existente, o que pode gerar as lacunas. Como o exemplo do A1 citado, em que a pesquisa realizada obteve um bom aproveitamento na assimilação dos conhecimentos com a turma do ensino médio. No entanto, 22% dos alunos demonstraram não ter assimilado o conteúdo. Neste ponto, os pesquisadores atribuíram às “deficiências conceituais” e às distrações durante a oficina como as causadoras da não-aprendizagem. Podemos refletir sobre isso, acrescentando ao diálogo o artigo A6, quando faz uma interessante constatação sobre o “não sei”, muitas vezes respondido pelos estudantes quase como uma desistência de encontrar a resposta. Porém, ele reflete que este pode indicar muito das relações dos estudantes com a Geografia, por isso, deve haver atenção a tais detalhes.

Aprofundando nossa análise, manter os estudos de D.A. em perspectiva pode, aos poucos, mudar o tratamento direcionado às pequenas não-aprendizagem cotidianas, e conduzir a uma melhora dos dados sobre fracasso e frustração escolar, pois, a falta de interesse e desmotivação representam seus maiores condicionantes, segundo os dados do PNAD apresentados.

Isso representa a diferença de tratamento para situações que observamos em alguns artigos, como em A6 onde busca entender como pensam os estudantes, o que sentem e interpretam, constatando a falta de interesse a partir do questionário, mas evitando de classificá-los como “desinteressados”. Ou seja, muitas vezes pode parecer que as dificuldades estão postas intrinsecamente aos alunos, dado seu caráter heterogêneo citado, mas o olhar sobre ela, sim, que será determinante: “Uma dificuldade não é uma doença, portanto, não pode ser entendida como determinante do insucesso do estudante, mas como um desafio que propõe à escola rever suas estratégias e ao professor rever suas concepções” (OSTI, 2012, p.60).

Para tal, é imprescindível a interligação das diferentes áreas do conhecimento, sobretudo para a temática em questão, a psicologia, sociologia e a geografia, entre outras disciplinas irmãs, que olham tanto para o indivíduo como para a sociedade, são capazes de dialogar no caminho da construção de uma proposta mais inclusiva. Vigotskii (1988) reflete sobre as concepções de aprendizagem e desenvolvimento, em uma época que não se falava ainda de dificuldades de

aprendizagem, e ressalta a importância do papel do professor nesse processo. Segundo ele, é tarefa do docente desenvolver a capacidade de articular diferentes áreas e reforçar a habilidade dos estudantes de concentrar a atenção nos mais diferentes assuntos ensinados.

Muitos dos artigos do *corpus* da pesquisa destacaram a importância de levar em consideração o estudo do Lugar como forma de combater a falta de interesse e de sentido, das “vivências do estudante”, das “experiências prévias”, aquilo que viveram em seu cotidiano. Cavalcanti (2010) escreve um subitem a esse respeito, ressaltando a importância de o professor aguçar sua sensibilidade para os conhecimentos prévios dos estudantes e a forma como eles o colocam no dia a dia escolar, dialogando com os conhecimentos científicos: “É do confronto dessa dimensão do vivido com o concebido socialmente – os conceitos científicos- que se tem a possibilidade da reelaboração e maior compreensão do vivido, pela internalização consciente do concebido”. (CAVALCANTI, 2010, p. 148). Está tratando, portanto, da relação entre prática e reflexão, juntamente com a formação de aspectos importantes da condição de cidadania, os valores e convicções dos estudantes.

Quando tocamos essa dimensão do vivido nos estudantes, estamos estabelecendo um diálogo com os saberes populares e os conhecimentos científicos, no qual sua distância pode resultar nas dificuldades de aprendizagem conforme a visão Cenci e Costas (2011), que recomendam o ensino tanto prático quanto abstrato, com a finalidade de construção do sujeito com senso crítico. Neste ponto, perpassamos a maioria dos artigos analisados que consideraram de alguma forma esta dimensão fundamental ao trabalho da disciplina em sala de aula, e enxergam a conexão direta estabelecida para o aprendizado e, para a maior significação do ensino como um todo, tendo em vista a capacidade da Geografia de estabelecer estas ligações.

A partir do que foi exposto, é preciso entender que as dificuldades de aprendizagem fazem parte do cotidiano escolar, portanto, também das aulas de Geografia do ensino básico ao superior. Nos faz necessário encontrar outras formas de compreender os movimentos que ocorrem dentro da escola, da sala de aula, e dos estudantes. Saber o que pensam ajuda a tomar as decisões corretas sobre como conduzir o ensino e a formação destes cidadãos. A área de conhecimento de Dificuldades de Aprendizagem, pode ajudar a olhar esses pontos, e, não a encontrar respostas objetivas, mas sim caminhos, até mesmo ferramentas que corroborem para sua solução. Vimos que, considerar o estudante e seu meio é um caminho muito apontado pela literatura; este pode ser um primeiro passo, partindo desta investigação, é possível encontrar outras estratégias para lidar ou superar as D.A. envolvendo a geografia.

5. REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensino de Geografia e diversidade: Construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, Sonia. **EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: teorias e práticas docentes**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2019. p. 66-78.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 16º ed. Campinas: Papirus, 2010.

CENCI, Adriane; COSTAS, Fabiane Adela Toledo. A Interveniência dos conceitos cotidianos na escola: uma análise das Dificuldades de Aprendizagem. **Educere et Educare**, [S. l.], v. 6, n. 11, 2011. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/3989>. Acesso em: 1 dez. 2022.

CENCI, Adriane; COSTAS, Fabiane Adela Toledo. Dificuldades de Aprendizagem: uma análise a partir de Vygotsky. **Reflexão e Ação**, v. 18, n. 1, p. 258-273, 24 jun. 2010.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "Estado da Arte". **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 23, n. 79, p. 257-272, agosto/2002.

FONSECA, Vitor da. Dificuldades de Aprendizagem: na busca de alguns axiomas. **Rev. Psicopedagogia**, Lisboa, v. 74, n. 24, p. 135-48, 12 jun. 2007.

GIMENEZ, Eloisa Hilsdorf Rocha. Dificuldade de Aprendizagem ou Distúrbio de Aprendizagem? **Revista de Educação**, Londrina, p. 78-83, jul. 2010.

IBGE (ed.). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: educação 2019**. PNAD. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro, 16 p. 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101736>. Acesso em: 10 dez. 2022.

OSTI, Andréia. **Dificuldade de Aprendizagem, Afetividade e Representações sociais: reflexões para a formação docente**. Jundiaí: Paco editorial, 2012.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo "Estados da Arte" em educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, vol. 6, n. 19, p. 37-50, set/dez, 2006.

SANCHÉZ, Jesús-Nicasio Gacía. LAS DIFICULTADES DE APRENDIZAJE Y OTROS TRASTORNOS DEL DESARROLLO. **Edupsykhé**: Revista de psicología y psicopedagogia, [s. l], v. 2, n. 1, p. 295-312, jul. 2002.

VESENTINI, José William. Realidades e perspectivas do ensino de Geografia no Brasil. *In*: VESENTINI, José William (org.) **O ensino de Geografia no século XXI**. 7º ed. Papirus: Campinas, SP, 2013. Cap.7, p. 219-248.

VIGOSTKII. Lev Semenovich; Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar. *In*: VIGOSTKII. Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone: EDUSP, 1988. Cap.6; p.103-117.

6. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

PASQUALINI, Juliana Campregher; EIDT, Nádia Mara. A relação professor-aluno à luz de diferentes abordagens da psicologia. **Horizontes-Revista de Educação**, v. 1, n. 1, p. 25-44, 2013.

SISTO, Fermino Fernandes; MARTINELLI, Selma de Cássia. O papel das relações sociais na compreensão do fracasso escolar e das dificuldades de aprendizagem. *In*: SISTO, Fermino Fernandes; MARTINELLI, Selma de Cássia (org.) **Afetividade e dificuldades de Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. 2ªed. São Paulo: Vetor, 2008. p. 13-30.

TULESKI, Silvana Calvo; EIDT, Nádia Mara. Repensando os distúrbios de aprendizagem a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia em estudo**, v. 12, p. 531-540, 2007.

OSTI, Andréia. **Formação de professores Alfabetizadores**. *In*: PARENTE, Claudia da Mota Darós; VALLE, Luiza Elena Leite Ribeiro do; MATTOS, Maria José Viana Marinho de (org.). A formação de professores e seus desafios frente às mudanças sociais, políticas e tecnológicas. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 85-99.